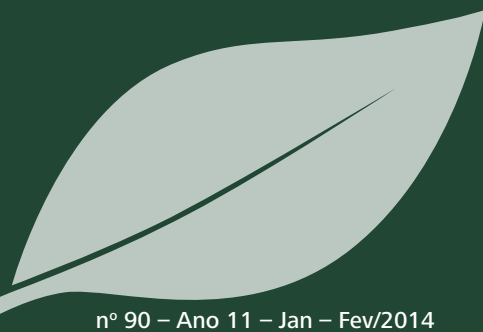


INFORMATIVO

Publicação da
Associação Brasileira
do Agronegócio

abag



nº 90 – Ano 11 – Jan – Fev/2014

A photograph of a riverbank showing severe drought. The foreground is dominated by dark, cracked, and parched earth. A few small green plants are scattered across the cracked surface. In the background, a calm river flows through a landscape of dry, brownish soil and sparse green vegetation under a clear sky.

Reflexos no campo da pior seca em **25 anos**

Cenário econômico:

Projeções ainda
positivas para
o agronegócio
em ano incerto

Consultoria projeta **aumento da renda** do produtor de 7% em 2014



Analistas Sérgio Rodrigo Vale e Maria Cristina Mendonça de Barros, da MB Associados, destacam que as exportações de milho serão menores em 2014.

Apesar do declínio nos preços dos grãos nos mercados internacionais e da seca que vem castigando as lavouras nesse início de ano, a tendência ainda é de que a renda do produtor agrícola brasileiro cresça neste ano, para o total das lavouras, na base de 7% sobre 2013. Considerando somente a renda do produtor de grãos, a estimativa é de que a alta seja ainda maior, atingindo a marca de 11% em comparação com 2013. As previsões são da consultoria MB Associados e foram apresentadas para a diretoria da Abag em meados de janeiro, juntamente com uma avaliação geral da economia brasileira e mundial.

Embora a análise da MB sinalize ainda um ano positivo para o agronegócio de forma geral, destaca culturas onde o desempenho tende a ser mais problemático, sobretudo em relação às exportações. O caso mais crítico é do milho, que deve amargar um declínio da ordem de nada menos que 45% nas exportações de 2014 em comparação com as de 2013. O complexo soja deverá manter o patamar de exportações frente ao ano passado e no complexo carne a perspectiva é de um crescimento de 5% nas vendas externas (em volume) de carne bovina, de 4% suína e de 2% de frango.

Na realidade, o ano se iniciou com perspectivas mais

positivas do que as atuais. A seca, ao longo do período de desenvolvimento das lavouras, afetou os grãos. A safra de milho, cuja previsão inicial era de 31 milhões de toneladas (1ª safra) deverá ser, com dados atuais, da ordem de 27 milhões de toneladas. Na soja espera-se um recuo da estimativa inicial de 89 milhões de toneladas para abaixo de 87 milhões de toneladas.

Segundo a análise macroeconômica da MB, alguns fatores econômicos internacionais podem favorecer o desempenho do agronegócio. A perspectiva é de um crescimento mundial maior do que o do ano passado. Em 2014, a China deve crescer 7,5%, os Estados Unidos aproximadamente 3%, a Índia 5% e o Japão 1,5%.

Com relação à taxa cambial, em todos os cenários desenhados pela MB, a expectativa é de elevação. Poderemos fechar o ano no patamar entre R\$ 2,50 e R\$2,60, o que favorece os exportadores de commodities.

A contrapartida de uma maior desvalorização da moeda é uma pressão maior sobre a inflação, mesmo com um crescimento econômico baixo como o esperado para 2014 (1,6%). Para controle da inflação o Banco Central tem usado o instrumento da taxa de juros, que deve terminar o ano na casa dos 11,25%, para um IPCA em torno dos 6,5%.

Reflexos no campo da pior seca em 25 anos

Desde o final de 2013, o clima no centro-sul do Brasil tem se caracterizado por chuvas abaixo da média histórica para o período e elevadas temperaturas. O resultado é que a maioria das culturas que necessita, exatamente nessa época do ano, de muita umidade para uma boa florada e o desenvolvimento da planta, vem sofrendo bastante os efeitos do pouco volume de chuva. São Paulo tem sido o Estado mais castigado pela falta de umidade. Assim, culturas como cana, laranja, café e hortifrutigranjeiros foram algumas das que mais sofreram reflexos negativos deste período de estiagem severa. Para o pesquisador e engenheiro agrônomo, Hilton Silveira Pinto, um dos fundadores do Cepagri – Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura, da Unicamp, a estiagem iniciada em dezembro e que persistiu até meados de fevereiro “é a pior desde 1989”. A seu ver, mesmo com a chuva que voltou a cair no fim de fevereiro, o plantio ficou bastante prejudicado. Na sequência, outras observações do especialista sobre o fenômeno climático atípico:

Quais os reflexos negativos da recente estiagem na produção agrícola brasileira?

Afetou muito as lavouras de forma geral, exatamente por ocorrer num período que, normalmente, é marcado por chuvas volumosas. E a estiagem começou já em dezembro, quando choveu muito abaixo da média. O período foi o mais seco dos últimos 25 anos. A ausência de umidade e o forte calor interferem no desenvolvimento das plantas em geral.



Milho foi uma das culturas mais prejudicadas com a seca.



Professor Hilton: no médio prazo, o agricultor poderá contar com pesquisas voltadas para melhoramento genético de espécies que serão mais resistentes a climas secos e altas temperaturas.

Quais foram as regiões mais afetadas? Em termos de cultura, qual sofreu mais?

A estiagem foi em todo o interior de São Paulo, indo até Presidente Prudente e entrando no sul do Mato Grosso e, ao norte do Estado, em parte de Minas Gerais. Os Estados do Sul do País não sofreram tanto. Chegamos a ter, no interior paulista, até 16 de fevereiro, temperatura máxima de 36,3°, quando o normal, nos anos anteriores, ficou em torno dos 33°, tomando a média registrada nas diversas regiões do Estado. Temperaturas acima de 33° costumam interferir no processo de fotossíntese, o que impede o desenvolvimento pleno da planta. De forma geral, todas as culturas sofreram, inclusive a cana, cuja safra deve ser comprometida por conta da estiagem. No caso do milho safrinha, seu plantio foi retardado, mas talvez a chuva do fim de fevereiro ainda consiga evitar que a perda seja tão elevada quando se projetava no auge da seca. De toda forma, pode acontecer que, em função do atraso no plantio, em algumas regiões, sobretudo do sul do estado de São Paulo, o milho safrinha sofra com as geadas do inverno.

Quais as projeções para os próximos meses?

Nossas previsões são feitas para, no máximo, 12 dias. Fora desse período é puro chute. O que se tem de certo é que já estamos entrando numa estação seca, como ocorre sazonalmente todos os anos: março, normalmente, costuma chover somente a metade do volume de fevereiro. Além disso, no Estado de São Paulo estamos numa fase de poucas chuvas, característico de um ciclo local marcado por 18 anos com chuvas num nível de 1.600 milímetros por ano, seguido de outro período, também de 18 anos, com chuvas em um nível de 1.100 milímetros por ano. Nós estamos nessa fase de baixa precipitação.

Que medidas técnicas preventivas o produtor pode lançar mão para reduzir o impacto de estiagens como a atual?

No curto prazo, não é possível fazer quase nada, até pelo fato de não haver água nem para se pensar, por exemplo, num programa de irrigação. No médio prazo, temos, em andamento, diversas pesquisas focadas no melhoramento genético de algumas variedades para ser mais tolerantes a climas secos ou ao calor excessivo. Há alguns tipos de soja, com experimentos bem avançados, além de outros estudos com seis espécies de feijão e também de milho.

Brasil só volta a crescer com mudança estrutural na economia, avalia economista em evento da Demarest



A economia brasileira precisa passar por uma profunda mudança estrutural para voltar a ter níveis de crescimento mais expressivos. Não há hoje mais espaços para acertos superficiais ou pontuais. A avaliação foi feita pelo economista e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros no seminário Cenário Político e Econômico e Perspectivas para o Agronegócio, promovido pela Demarest Advogados e apoiado pela Abag. “Estamos há quatro anos com níveis de crescimento abaixo de 2% ao ano, ou seja, totalmente medíocre, numa verdadeira armadilha de crescimento baixo”, diz o economista.

A avaliação foi corroborada pela opinião do presidente da Abag, Luis Carlos Corrêa Carvalho, na abertura do evento, que reuniu cerca de 200 pessoas entre empresários, advogados e lideranças do agronegócio. Carvalho salientou que o crescimento da economia seria ainda menor se não fosse o agronegócio. Recordou que, nos últimos três anos, enquanto o superávit do setor agrícola subia de US\$ 77,5 bilhões, em 2011, para US\$ 83 bilhões, em 2013, os demais setores da economia saíram de um superávit de US\$ 30 bilhões, em 2011, para meros US\$ 2,5 bilhões, no ano passado. “Se não fosse o peso e a relevância do agronegócio, vocês imaginam o tamanho do buraco que o País teria em sua balança comercial”, conclui Carvalho.

O presidente da Abag acrescentou ainda que o setor conseguiu esse bom desempenho apesar de todos os entraves que enfrenta. O mais crítico, segundo ele, é o gargalo logístico provocado pela falta de infraestrutura de transporte para escoamento da produção. Em grande medida, os custos logísticos elevados derivam da falta

de investimento em infraestrutura. Enquanto países como Índia e China investem de 7% a 8,5% do PIB em infraestrutura, o Brasil investe 1,7% do PIB.

E tudo indica que ficará mais difícil elevar esse investimento no curto prazo em razão das projeções de baixo crescimento da economia. “Está cada vez mais claro que a China não deve mais crescer a taxas de 12% ao ano, como ocorreu no passado recente; que a demanda interna também não crescerá mais na base de 10% ao ano; o tesouro nacional não terá mais a folga de recursos que teve nos últimos anos; e a receita pública não vai mais crescer na mesma velocidade”, observou Mendonça de Barros.

O seminário também debateu as perspectivas para a safra deste ano, com palestras de Arnaldo Corrêa, diretor da Archer Consulting e gestor de risco para o setor, que tratou especificamente dos entraves do setor sucroalcooleiro; Renato Buranello, da Demarest; e Guilherme Pessini Carvalho, administrador do Itaú BBA responsável pelo setor sucroalcooleiro. O evento ainda discutiu a securitização e as novas alternativas de financiamento e recuperação agroempresarial, com as participações de Rodrigo Baia, diretor-presidente da Brasil Agrosec Companhia de Securitização; João Paulo Pacífico, diretor de estruturação comercial da GAIA, empresa especializada em montar operações de crédito estruturado e securitização; e Antônio Aires, da Demarest.

Também participou do evento Carlos Ratto, diretor comercial e de produtos da Cetip. O seminário foi encerrado com uma análise das projeções eleitorais para este ano, feita pelo jornalista e colunista da revista Veja, Reinaldo Azevedo.

Agrishow 2014, maior vitrine do agronegócio, exibirá os avanços tecnológicos do setor

Idealizada pelas principais entidades do agronegócio, entre elas a ABAG, será promovida, de 28 de abril a 2 de maio, em Ribeirão Preto/SP, a Agrishow 2014 – 21ª Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação, uma das maiores e mais completas feiras de tecnologia agrícola do mundo. Para a edição deste ano, foi preparada a campanha publicitária “Os Maiores Craques do Campo”, em homenagem ao empenho do produtor em fazer do agronegócio brasileiro o mais competitivo do mundo. “A Agrishow é hoje a grande vitrine do agronegócio brasileiro para o mundo”, define o presidente da feira, Maurílio Biagi Filho.

A Agrishow 2014 deverá reunir as principais marcas com atuação, direta e indiretamente, nas várias atividades do agronegócio. Na edição de 2013, a feira exibiu produtos, serviços e soluções de 790 marcas a um público visitante de aproximadamente 150 mil pessoas que passaram pelos 440 mil m² de área de exposição. No total, os negócios iniciados na feira de 2013 atingiram cerca de R\$ 2,6 bilhões, aumento de 15% em relação à edição anterior.



Como tradicionalmente ocorre, a feira reserva ainda uma área de 100 hectares, na qual o visitante terá a oportunidade de conhecer, na prática, as mais recentes experiências tecnológicas com sementes, insumos e defensivos agrícolas que são desenvolvidas no local e envolve diversas culturas. No local, o visitante também terá a chance de conferir o funcionamento de diferentes tipos de máquinas e implementos agrícolas.

Consulta pública da ONU debate ações para aperfeiçoar **responsabilidade ambiental na cadeia alimentícia**

O Pacto Global, criado pela ONU para estimular a adoção de práticas de responsabilidade ambiental e social pelas empresas, realizou uma consulta pública, no último dia 11 de março, na Fiesp, para discutir formas de aperfeiçoar os Princípios Empresariais em Alimentos e Agricultura (PEAAs). O encontro, contou com a presença de parceiros brasileiros do Pacto, entre eles a Abag, e teve como objetivo básico hierarquizar os pontos mais importantes que devem ser incorporados aos seis princípios instituídos na primeira consulta pública.



Com isso, os organizadores esperam que o documento final atraia mais empresas que se comprometam com os princípios. Discutidos um a um, o que mais gerou celeuma foi o que prega que as empresas devem “produzir alimentos capaz de atender as necessidades globais, mas pautando a sustentabilidade como fator principal”. De acordo com Alan Bojanic, representante da FAO no Brasil, o mundo tem que ficar atento as conquistas brasileiras em relação às ações para promover a agricultura sustentável. “O Brasil já é uma referência internacional em termos de sustentabilidade, tem muitos avanços feitos na área de controle do desmatamento e na legislação do trabalho”, disse.

Após as discussões em relação aos PEAAs, aconteceu outro debate sobre os próximos passos para engajamento das empresas a eles. Neste contexto, três apresentações foram feitas: Juliana Lopez, diretora de Sustentabilidade do Grupo André Maggi; Luiz Fernando do Amaral, gestor de Responsabilidade Socioambiental do Rabobank; e Eduardo Bastos, presidente do Comitê de Sustentabilidade da ABAG. Segundo Bastos, o relatório deve se concentrar em como converter as ideias em ações de verdade. “Só assim os resultados vão aparecer”, ponderou. “Em geral o documento está muito bom, mas é importante entender que não é possível atingir 100% nos seis princípios, há sempre um trade-off a ser considerado na tomada das decisões”, finalizou.

Balança comercial US\$ bilhões

Ano	Brasil			Agronegócio		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
2007	160,6	120,6	40,0	58,4	8,7	49,7
2008	197,9	172,9	24,9	71,8	11,8	60,0
2009	152,9	127,7	25,2	64,7	9,8	54,9
2010	201,9	181,7	20,1	76,4	13,4	63,0
2011	256,0	226,2	29,7	94,9	17,5	77,4
2012	242,5	223,1	19,4	95,8	16,4	79,4
2013	241,2	239,0	2,2	99,9	17,0	82,0

Fonte: Secex

Vendas de Defensivos Agrícolas

Ano	Produto Comercial (t)	Ingrediente Ativo (t)	Valor US\$ bilhões
2006	480.120	238.716	3.920
2007	599.834	304.031	5.372
2008	673.892	312.637	7.125
2009	725.577	335.742	6.625
2010	787.790	342.580	7.303
2011	826.683	352.048	8.487
2012	823.226	346.583	9.710

Fonte: Sindiveg

Vendas de Fertilizantes

Ano	milhões de t
2007	24,60
2008	22,42
2009	22,40
2010	24,51
2011	28,32
2012	29,53
2013	31,08

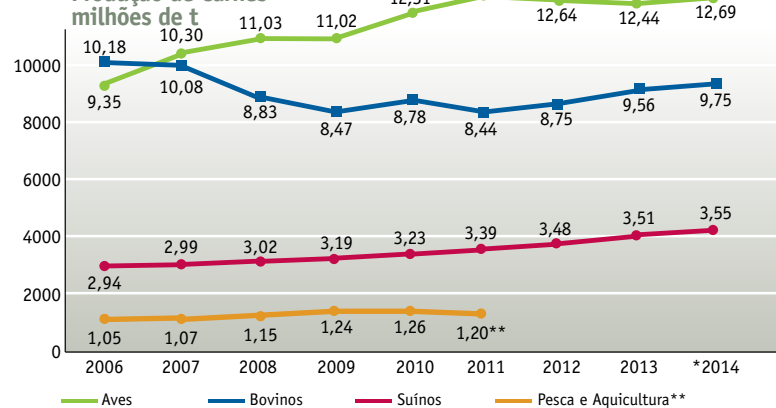
Fonte: Anda

Vendas de Máquinas Agrícolas – Unidades

Ano	Tratores de roda		Tratores de esteira		Cultivadores Motorizados		Colheitadeiras	
	Internas	Externas	Internas	Externas	Internas	Externas	Internas	Externas
2007	31.300	20.068	437	2.929	1.548	129	2.377	2.783
2008	43.414	23.056	720	2.726	1.852	13	4.458	3.579
2009	45.437	12.344	618	775	1.759	39	3.817	1.231
2010	56.420	14.171	878	1.754	1.807	128	4.549	2.261
2011	52.296	12.620	1.022	2.460	1.307	27	5.343	2.390
2012	55.819	12.167	1.062	2.265	1.348	39	6.278	1.238
2013	65.089	11.182	942	1.580	1.618	10	8.539	1.140

Fonte: Anfavea

Produção de Carnes



Fonte: Conab / Sugof / Geole

*previsão 2014 **Fonte: Ministério da Pesca e Aquicultura.

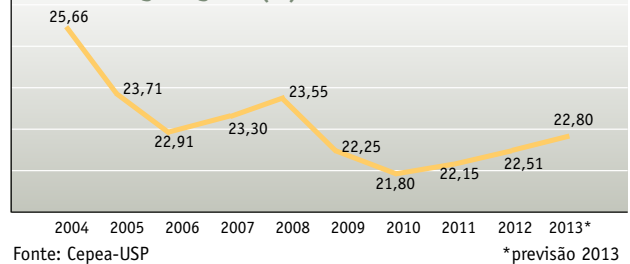
Levantamento de mar/2013

EXPEDIENTE

Publicação oficial da Associação Brasileira do Agronegócio - ABAG. Presidente: Luiz Carlos Corrêa Carvalho. Vice-presidente: Francisco Matturro. Diretores: Alexandre Enrico Silva Figliolino, André Souto Maior Pessoa, César Borges de Sousa, Christian Lohbauer, Eduardo Daher, Glauber Silveira da Silva, Ingo Plöger, Luiz Lourenço, Marcello Brito, Mario Fioretti, Milton Rego, Urbano C. Ribeiral, Valmor Schaffer e Weber Porto. Coordenadora Técnica: Eduardo Soares de Camargo e Luiz A. Pinazza. Jornalista Responsável: Gislaíne Balbinot, MTBo65/MS. Apoio: Mecânica de Comunicação. Projeto Gráfico: Mister White. Impressão Gráfica: HRosa. Tiragem: 1.600 exemplares.

Agronúmeros

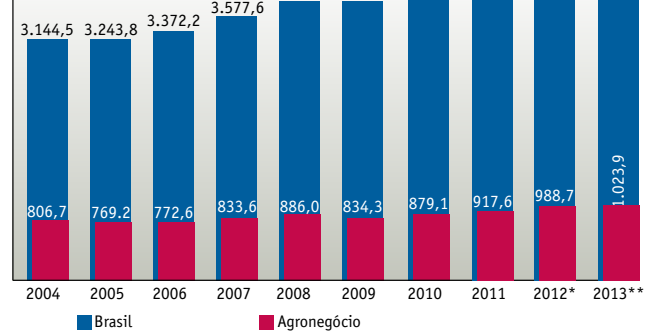
Evolução da participação do PIB do Agronegócio (%)



Fonte: Cepea-USP

*previsão 2013

Evolução do Agronegócio no PIB em R\$ bilhões



Fonte: Cepea - USP

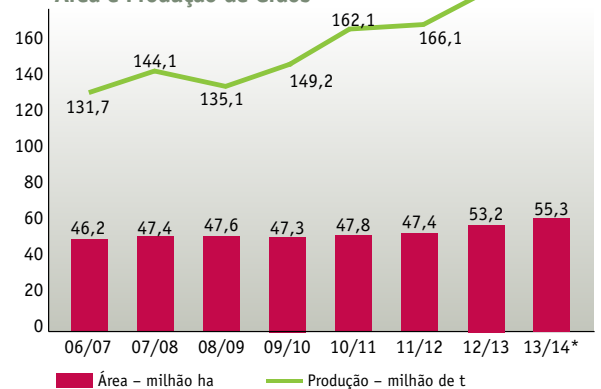
Produção de Rações

Ano	milhões de t
2007	53,0
2008	58,6
2009	58,4
2010	61,5
2011	64,6
2012	63,0
*2013	64,6

Fonte: Sindirações

*Previsão

Área e Produção de Grãos



Fonte: Mapa/Conab

*previsão 13/14



CONTATO ABAG: Av. Paulista 1754 - cj 147
São Paulo/SP - 01310-200 - Fone/Fax (11) 3285-3100
E-mail: abag@abag.com.br - Site: www.abag.com.br
twitter: @abag_brasil
Facebook: Congresso Brasileiro do Agronegócio